



OFERECIDO

NO JARDIM DA COLÓNIA DE FÉRIAS DA M. P. F. NA GRANJA:—DUAS FLORES







# SUMÁRIO

N.<sup>o</sup>  
6

- Vencer com sangue!
- As Falangistas em Lisboa.
- Perder tempo . . .
- Na hora do regresso.
- Santos Portugueses — São Vitouro de Braga.
- A nossa Colónia de Férias da Granja.
- Página das Lusitas.
- O Lar (A Habitação).
- Trabalhos de Mãos.
- Página das Filiadas.

OBRA DAS MÃES PELA EDUCAÇÃO NACIONAL

“MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA”

BOLETIM MENSAL

LISBOA, OUTUBRO DE 1939

Direcção, Administração e Propriedade do Commissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina.  
Redacção e Administração: Commissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8.  
Arranjo gráfico, gravura e impressão de Neogravura, Ltd.ª, Travessa da Oliveira, à Estrela, n.º 6 — Lisboa



# VENCER COM SANGUE

**R**EGRESSANDO de um dos seus costumados e terríveis invernos passados no Polo, voluntariamente isolado entre gêlos, o almirante Byrd escrevia num jornal:

"Certamente que sofri, mas este sofrimento fica muito àquém do que ganhei na minha solidão. Precisava criar as minhas alegrias com auxílio de limitados meios de acção; o mundo civilizado dá-nos a vida já feita — e os prazeres estão como que industrializados. Desaprendemos de *viver por nós próprios* e já não nos preocupam os autênticos valores".

Lição austera esta para o nosso tempo — para os homens do nosso século para quem a alegria de viver passou a ser realidade tão estranha, tão ausente de nós mesmos, que já passou aquela graça das almas que queriam ganhar a custo de lágrimas e dores — as supremas mestras da vida.

Tôda a educação de agora é tão ligeira, tão á superfície, mete tão pouco as raízes no fundo das consciências que mal se apercebem de viver, os que vivem — e a existência de noventa e cinco por cento da humanidade não experimentou sequer o que há de grandeza humana e por isso espiritual no glorioso combate da vida.

Em agonia lenta andam para aí tantos e tantos que não souberam criar a *necessidade de existir* e menos a *glória de ser* — enchendo o mundo de tristíssima mediocridade e horrível mentira, e criando já um vazio que assusta pavorosamente.

Ouvi esta pedagogia de H. de Fourville:

"Habituai-vos a caminhar direito, debaixo das vistas simples e directas do espírito em direcção ao ponto principal da questão — e depois trabalhai por meio das vossas próprias reflexões e ainda mais que nos livros, até a esclarecerdes nitidamente, até a terdes estabelecido sólidamente em face de vós mesmos e conforme o vosso posto". A isto se chama *vencer com alegria*.

## VENCER COM SANGUE

— Benditos sejam os que arrancam ao mundo das coisas os segredos que êle ainda guarda — e os que sobem as escarpas para chegar aos cimos onde os ares são castos e os olhos se pregam com segurança no azul a dizerem onde Deus mora.

— Benditos sejam os que sabem viver, os que *querem* viver, exigindo a si mesmos tudo quanto podem dar — para o pôrem logo de seguida a render a favor dos outros todos.

— Benditos sejam os que se mortificam para beneficiar a Terra com aquela quota parte de felicidade que Deus distribuiu a cada homem e que tantos usufruem egoistamente, miseravelmente.

— Benditos sejam os que regam os caminhos da vida com bagos de suor e gôtas de sangue assinalando assim a sua passagem heroica.

Ciência, profissão, apostolado... sagradas ocupações da família e do lar...

...Humildes e desconhecidas missões... valeis apenas na medida em que aqueles que ocuparem seja que posto fôr, aí estiverem para cumprir — cumprir a tôdo o custo **até ao sangue!**

G. A.



# AS FALANGISTAS EM LISBOA

**P**ASSARAM em Lisboa a caminho de Cadiz, Ceuta, Palma de Maiorca e Alicante, onde findaria o seu cruzeiro, 180 raparigas da Falange espanhola.

Lisboa recebeu-as com alegria, em que havia admiração e ternura, que tudo mereciam essas belas raparigas, que ao serviço da Pátria e em defeza da civilização cristã, tão generosamente se dedicaram durante a guerra.

E se todos lhes dispensaram um acolhimento afectuoso, esse acolhimento da parte da M. P. F. não poderia deixar de ser o mais íntimo e fraternal, porque *Falangistas* e *Mocidade* são parentas muito chegadas: são quasi irmãs! A esperá-las, compareceram no cais a Comissária Nacional da M. P. F., D. Maria Guardiola, acompanhada pelas suas Adjuntas D. Fernanda d'Orey e D. Maria Luísa van-Zeller; as Delegadas das Províncias da Extremadura e Beira Baixa, D. Alice Guardiola e D. Maria Luísa Palma de Carvalho; as Sub-Delegadas de Lisboa e Cascais, D. Emília Sousa Castro e Condessa de Almoester, que também representava a Snr.<sup>a</sup> Condessa de Rilvas, presidente da O. M. E. N.; a Adjunta da Sub-Delegada Regional de Oeiras, D. Sofia Macedo; a Directora de Centro D. Isabel Negrão e um grupo de filiadas.

Logo a seguir ao desembarque, estas senhoras, que carinhosamente acompanharam sempre as Falangistas durante a sua permanência em Lisboa, visitaram com elas o Mosteiro dos Jerónimos, o Museu das Coches e o Bairro Social da Ajuda.

Em seguida foi servido a todas, Falangistas e Dirigentes da M. P. F., um almoço oferecido pela F. N. A. T. na sua Colónia de Férias na Costa da Caparica.

No regresso, as Dirigentes da Falange, D. Maria Antónia Villalonga, D. Josefa Morales e D. Mercedes Werner, acompanhadas pela senhora D. Maria Guardiola, Comissária Nacional da M. P. F., estiveram na Presidência do Conselho a deixar cartões de cumprimentos.

No resto da tarde percorreram a cidade, mostrando-se encantadas com os panoramas que se disfrutaram de alguns dos seus miradoiros. Por falta de tempo, não se realizaram as visitas aos liceus D. Filipa de Lencastre e Maria Amália

Vaz de Carvalho, nem tão pouco ao Centro Social de O. M. E. N. em Cascais e à Colónia de Férias da M. P. F. no Estoril.

No dia seguinte de manhã as Falangistas, acompanhadas pelas Dirigentes da M. P. F., foram ver a Estufa Fria do Parque Eduardo VII e o Jardim Zoológico, dirigindo-se em seguida para Sintra e dali para Cascais e Estoril, onde almoçaram.

A mesa, em lugares de honra, encontravam-se a senhora Condessa de Almoester, representando a senhora Condessa de Rilvas, Presidente Nacional da O. M. E. N., e a senhora D.

incertas da guerra. À tarde, as Falangistas, acompanhadas pelo Capelão do cruzeiro R.<sup>o</sup> D. Ramon Lamas, o Capitão do navio D. Francisco S. Villalonga e pelo Comandante Militar D. Manuel de Badoya, visitaram a sede da "Obra das Mães pela Educação Nacional" e da "Mocidade Portuguesa Feminina", onde lhes foi oferecido um lanche.

Nessa ocasião, a senhora Condessa de Rilvas saudou as nossas ilustres e queridas visitantes, começando por lhes dizer a sua alegria por as receber naquela casa que "simboliza o lar de toda a mulher nacionalista portuguesa". E com palavras em que ia todo o seu coração, disse quanto desejava fazer-lhes sentir a admiração e a gratidão de todas as mulheres cristãs de Portugal. Terminou pedindo-lhes para levarem "a todas aquelas que junto de vós lutaram e sofreram e na vossa Pátria vos esperam — um grande abraço de Portugal!"

A senhora D. Maria Antónia Villalonga agradeceu à senhora Condessa de Rilvas, afirmando-lhe que a mulher espanhola está ao lado da mulher portuguesa no seu ideal do bem servir a Deus e trabalhar na restauração da sociedade. Depois de percorridas todas as dependências, uma delegação das Falangistas visitou o senhor Cardeal Patriarca e ainda o senhor Ministro da Educação Nacional.

O senhor Dr. Carneiro Pacheco, depois de ter escutado a senhora D. Maria Antónia Villalonga, que lhe apresentou em nome de todas as suas companheiras os seus cumprimentos e agradecimentos e lhe manifestou as boas impressões que levavam da visita a Portugal, exaltou em justas palavras o esforço heróico da Falange durante a guerra e a esperança que ela representa na hora igualmente grande da paz.

Sua Ex.<sup>a</sup>, depois de ter indicado vários pontos de contacto entre a Falange Espanhola e a Mocidade Portuguesa Feminina, disse que a M. P. F. também está preparada para a mesma missão que as Falangistas souberam tão bem desempenhar quando a Espanha precisou da sua dedicação e sacrifício para se salvar.

À noite, as Falangistas assistiram no Ginásio do Liceu Camões à exibição do filme "A Revolução de Maio". O 3.<sup>o</sup> dia da estada em Portugal foi também o dia da partida.

De manhã as Falangistas visitaram ainda alguns monumentos e passaram pelas ruas da cidade.

Ao meio dia foram recebidas na sede da Falange espanhola pelo embaixador senhor Nicolás Franco.

Trocaram-se cumprimentos e foi servido um copo de água.

Às 14,30 realizou-se no "Ciudad de Alicante", um almoço oferecido às dirigentes da O. M. E. N. e da M. P. F.

E assim terminou, com brindes afectuosos, em que se estreitou a amizade entre as duas nações vizinhas, a visita das Falangistas espanholas a Portugal.

À despedida, nos braços das dirigentes da M. P. F. viam-se lindos ramos de cravos, que



as Falangistas ali quiseram deixar, num último agradecimento e numa expressão de saudade.

Entre "vivas", palmas e as notas da "Portuguesa", que as Falangistas entoaram, estendendo os braços numa derradeira saudação, o navio largou, seguido pelos olhos e o coração dos portugueses!

Maria Guardiola, Comissária Nacional da M. P. F., a senhora D. Maria Ruiz de Lloret, Delegada do Auxílio Social da Falange, etc.

Depois do almoço, dirigiram-se todas para a Parede, de visita ao Rádio Club Português, que tão de perto acompanhou e ajudou a Espanha Nacionalista durante as horas graves e

EM CIMA: — No Ministério da Educação Nacional, onde o Capelão de Borda e as Falangistas foram cumprimentar o Senhor Doutor Carneiro Pacheco.

EM BAIXO: — Na lida esta da Caparica esperando o almoço oferecido pela F. N.



EM CIMA: — No convés do Ciudad Alicante: — um dos aspectos da despedida.

EM BAIXO: — Uma saudação de despedida manifestando a amizade de dois povos num viva de entusiasmo pelas suas Chefes.



# PERDER TEMPO...



**Q**UAL de vós não sentiu já como vôam os minutos antes de sair para a escola?! Todas o teem sentido, sim, mas nem todas dão o justo valor a êsse tempo.

Duas ou três "faltas" por chegar tarde não são bastante para as fazer corrigir o seu horário.

— "Qual é afinal a razão porque não consigo chegar a horas?" Preguntará a si mesma uma retardatária.

— "Levantei-me hoje um pouco mais tarde, mas isso não teve importância, o pior foi o tempo que gastei a rever a matemática e a copiar os apontamentos de ontem... isso é que levou o tempo".

Não. O que a fez atrazar foi o difícil pen-



teado de caracolinhos. O seu cabelo não é naturalmente anelado, e a despeito das boas invenções modernas, a natureza não quer ser contrariada; e teima... teima em não tomar o jeito que lhe impõem.

— "Uff! Que arrelia! Que maçada! Hoje o cabelo está mesmo irritante, não há ganchinhos que cheguem... e então hoje que estou tam atrazada... tenho vontade de escangalhar tudo..."

Mas não escangalha; não escangalha porque é moda, e pensa erradamente em igualar-se a quem pode acompanhar a moda.

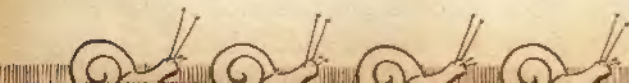
Ora, acompanhar a moda, seguindo com rigor os seus detalhes, é, só por si, uma grande e difícil ocupação.

Uma filiada não pode nem deve roubar tempo aos estudos para macaquear a moda do momento.

Procure pentear-se e vestir-se com equilíbrio, escolhendo dentro da moda o que lhe fique bem, mas que seja ao mesmo tempo prático e próprio, e verá, como de manhã, antes de sair de casa, apreciará o gôso de uns minutos de calma e satisfação consigo própria.

Deixará tudo arrumado, não esquecerá coisa alguma do seu estudo, terá tempo bastante para as suas devoções, e... irá devagar pelo caminho.

M.





# Na hora do regresso

**P**ARTEM as andorinhas, sempre em busca da primavera. Não podem viver sem sol, não sabem viver sem alegria!

E quando as andorinhas partem, atravessando os mares, são também para nós a hora do regresso à cidade e às nossas ocupações; e fazêmo-lo talvez com mais saúdes do que as andorinhas, porque deixamos atrás de nós a liberdade e o azul do céu, que para as andorinhas é sempre o mesmo!

Mas a hora do regresso também tem doçuras: é doce voltar ao lar e o próprio trabalho que se largou e se retoma tem consolação.

E se o ideal das andorinhas — o ideal que as leva tão longe e voando tão alto é a primavera — embora a nossa vida não possa decorrer sempre numa primavera florida — também temos de passar pelo inverno e pela tristeza — no entanto, a nossa alma deveria, como as andorinhas, desejar sempre a primavera. Que primavera? Aquela em que floresce o ideal.

Mas o ideal não julgueis que é qualquer coisa de muito extraordinário.

Ter um ideal é simplesmente conceber uma ideia da vida grande, útil e bela, e ir realizando no nosso dia a dia, no cumprimento de todos os nossos deveres, esse ideal que puzemos tão alto, mas que temos de integrar na realidade, porque, doutro meio, não passará duma quimera, duma fantasia!

Nesta hora do regresso, é preciso levantá-lo, o nosso ideal, para que seja ele a orientar-nos, a dar-nos inspiração, força e alegria para bem vivermos o ano que começa.

Que queremos que seja o nosso novo ano? Melhor do que foi o ano anterior? Este descontentamento do passado, este desejo dum presente melhor e dum futuro cada vez mais perfeito, é preciso concretizá-lo num ideal.

O nosso ideal deve ser sempre um aperfeiçoamento daquilo que nos parece incompleto ou imperfeito.

Pensem um bocadinho na nossa vida, e dos seus próprios desvios, lacunas e defeitos, surgirá, por contraste de rectidão e de beleza, o ideal para o nosso novo ano.

Foi talvez, o ano lectivo passado, um ano fraquinho nos nossos estudos?

Punhamos mais alto o nosso ideal: este ano queremos trabalhar e ser das primeiras!

Foi talvez, o ano que passou, um ano em que descuidámos a nossa vida interior, deixando crescer as silvas e as ervas daninhas no jardim do Senhor que é a nossa alma?

Punhamos mais alto o nosso ideal: este ano queremos cultivar em nós aquelas virtudes sólidas que tornando-nos mais agradáveis a Deus, nos tornarão também mais felizes.

Foi talvez, o ano que passou, um ano inútil em que egoistamente vivemos só para nós?

Punhamos mais alto o nosso ideal: procuremos tornar-nos úteis na nossa família, na roda das nossas companheiras — em toda a parte!

Ideal de trabalho, ideal de perfeição própria, ideal de bondade e de amor do próximo: só este ideal — podeis crer — satisfará as aspirações profundas da vossa alma criada para o bem e a felicidade.

Raparigas da Mocidade! Começai o vosso ano de trabalhos, não com o aborrecimento de quem se sujeita a uma obrigação penosa, mas com a alegria de quem parte à conquista dum ideal.

Trabalhai com gosto, com coragem, com entusiasmo!



# SANTOS PORTUGUESES

# SÃO VITOURO DE BRAGA

A firmeza da fé do cristão cabe a supremacia da elegância moral que seria em conjunto a felicidade dos povos.

O fraco raciocínio humano são poucos os fiéis dignos da fé que o professam.

Miserável orgulho duma clarividência que se considera temorosamente inflexível.

Nunca, aos tristes mortais será dado compreender a grandeza da misericórdia divina.

Assentemos como verdade irredutível que, dignos do Senhor nunca somos, mas que, para o merecermos, basta sentir no coração aquele imenso Amor que não sabe recuar.

Aquele imenso Amor a que o Divino Crucificado responde sempre com a inextinguível eloquência da sua Presença nas almas dos pecadores que O invocam, como nas consciências dos justos. Jesus é a única afirmação para que não existe poder negativo.

Da sua magnanimidade só duvidam os seres inferiores que se debatem nas trevas onde eles próprios se lançaram com a ciência da heresia ou da blasfêmia.

Mas esses mesmos... gaguejam.

Só aquele que exaltar a justiça de Deus sem a análise mesquinha do juízo próprio falará com razão e sabedoria.

O exemplo edificante de São Victor de Braga, a quem mais vulgarmente chamaram S. Vitouro, que não quiz sacrificar a um idolo que estava perto do rio Lethes, quando era ainda apenas catecúmeno, não deve ser esquecido para em tempo algum nos deixarmos atemorizar pelo inimigo.

No tempo da dominação romana havia nos arredores de Braga um sumptuoso Templo pagão onde o feroz perfeito Daciano pretendia um dia divertir-se.

Presenciaria o espectáculo das torturas infligidas por ordem do Imperador a todos os cristãos.

Como se delectasse cruelmente com o mal que se cumpria, soboreava-o antecipadamente, reservando para o fim os requintes mais extravagantes.

Começou pelo número mais inocente do seu diabólico programa, experimen-



tar a coragem dos que dedicavam vida e morte a Jesus, obrigando-os a sacrificar aos ídolos a mais íntima fidelidade ao Nazareno.

Grande contratempo viria porém transtornar os seus planos de malvadez.

Nenhum dos catecúmenos devia trair o Senhor que adorava.

Abreviara-se portanto o espectáculo que perdia o interesse pelos sucessivos mandados de execução.

.....  
Era a vez de Victor.

A sua recusa foi formal e violenta.

Figura de nobre aspecto, fronte erguida e olhos cravados no Céu, avançou com a fronte iluminada e os braços erguidos exclamando:

—“É Jesus Cristo o único Deus que reconheço, e a Sua Santa Doutrina a minha única Lei!”

As armas dos soldados romanos entrechocaram-se para o levar preso à presença de Daciano.

O cruel Pretor prometeu libertá-lo se o visse dar provas públicas de renegado.

Entretanto a multidão ululava de olhos em fogo e punhos cerrados pela ira.

Victor respondeu categoricamente:

—“Só renegam Cristo aqueles que o desconhecem. E o Senhor não me pode ter abandonado!”

Ajoelhou em seguida para orar e permaneceu longamente em êxtase.

Deveras impressionado, como frequentes vezes lhe sucedeu, com a firmeza dos mártires, Daciano tentou uma gargalhada que ecoou mal segura.

Os soldados avançaram rapidamente para despir e açoitá-lo o condenado.

O pobre rapaz não esboçou o mais ligeiro gesto de defeza.

Antes rejubilava em pleno martírio.

E quando a cabeça de S. Victor rolou por terra degolada, a sua alma agradecia ainda ao Céu ter padecido os mesmos ultrages que já passara o seu Divino Mestre.

BERTHA LEITE





# A Nossa Colônia de Férias da Granja

**C**HEGUEI à Granja no dia 2 de Setembro. Toda a tarde choveu a bom chover. Não uma destas chuvas de trovoada que no verão são quasi uma alegria porque depois do aguaceiro rompe logo o sol. Era uma chuva que parecia de inverno, teimosa, que punha tristeza em tudo.

Mas qual não foi a minha surpresa ao ver que dentro da Colônia a tristeza do dia se não fazia sentir; brilhava um sol que nenhuma chuva apaga: a alegria!

E toda a tarde, apesar da chuva continuar a cair, fechando em casa este bando de 57 passaritos anciosos de liberdade, não houve um momento de aborrecimento, tão bem o tempo foi preenchido.

Uma lição de canto pôs os "passaritos" todos a cantar. Cantou-se de tudo um pouco: a "Portuguesa", o hino da "Mocidade", canções regionais. E que bom que é cantar! Enche-se a alma de luz!

Depois as Instrutoras ensinaram jogos novos. E que bom que é brincar! Enche-se o coração de alegria!

Em seguida improvisou-se uma *récita*. Quem sabia versos e canções, da Escola ou lá da terra, veio dizê-los, e não faltaram palmas e números *bisados*.

À hora do terço, não sendo possível ir à capela por causa do mau tempo, na sala em que se brincava, ali mesmo se resou.

Resar, brincar... Tudo é do mesmo modo agradável a Deus, quando risos e orações sobem para o céu com a mesma simplicidade do coração.

Ao aproximar-se a hora do jantar, reparei que uma graduada e um grupo de filiadas desapareceram...

Estavam de *serviço* naquele dia, iam pôr a mesa.

Não faltam criadas na Colônia; mas em cada dia (calha uma vez por semana a cada grupo) algumas pequenas, dirigidas por uma graduada, encarregam-se da sala de jantar. Efazem-no com um gosto que parece que é mais um divertimento a juntar aos outros.

Dá graça à sala vê-las a voltejar, ligeiras e contentes, servindo à mesa as companheiras e a nós. Assim vão aprendendo os serviços domésticos e conhecendo a alegria de ser úteis, de prestar serviços.

No dia seguinte voltou o sol. Abriram-se as portas, foi-se para a mata.

A casa em que está instalada a M. P. F. na Granja é uma casa ideal para uma Colônia de férias.

Além de ser, em si mesma, uma casa grande e ótima, está lindamente situada. Embora não tivesse o mar muito perto, bastaria a sua lindíssima mata para ser um lugar magnífico para uma Colônia de férias.

Nas ruas largas da mata, sob a sombra acolhedora das árvores, há espaço para todos os jogos. E se se quer passear ou correr, caminhos pitorescos levam a recantos encantadores.

Em velhas fontes, corre a água... Das latadas pendem uvas maduras... Há flores no jardim, em canteiros de buxo... Ouve-se a eterna canção do mar... Mais perto, cantam passarinhos... E da capela, a dois passos, N. Senhor parece olhar para nós e abençoar-nos, tanta doçura, tanta graça, se sente naquela paz...

É um cantinho do paraíso. Porisso, quando se não está na praia, está-se na mata.

Improvizam-se lições de botânica, descobrem-se ninhos. Tudo é um motivo de alegria!

Joga-se a bola, dançam-se rodas, canta-se e ri-se.

Os jogos são escolhidos. Em alguns faz-se ginástica, sem se dar por tal, mas os movimentos foram previstos e estudados. Em outros cultiva-se a vontade e a atenção, o espirito de observação ou de iniciativa.

E assim, a brincar, se vão formando as nossas raparigas.

Mas, é claro, a praia é o lugar favorito. A areia e a água são o sonho de todas as crianças. Nada mais seria

preciso para que se sentissem felizes, mas também ali se segue a mesma orientação de a brincar contribuir para o desenvolvimento físico e a educação das Filiadas.

Sob a direcção das Instrutoras, organizam-se jogos e também não falta a ginástica, ao sol e face ao mar!

Por fim, é o banho, a hora deliciosa entre todas.

E na praia, de manhã, e na mata, à tarde, a brincar e a aprender, assim passam os dias, todos iguais, mas parece que todos diferentes também, porque nunca se sente o aborrecimento de monotonia—é sempre uma alegria nova!

Alegria!... Para que a alegria na Colônia seja perfeita todos contribuem com a sua parte de amor e de bondade. Todas as dirigentes, eu as senti a amar, com a seriedade cuidadosa de quem sente a sua responsabilidade de educadoras, mas de quem sabe também sorrir e acarinhar, para que nenhuma pequenina ali sinta a falta do regaço maternal.

E é porque cada uma assim sabe cumprir a sua missão, animadas todas do mesmo desejo de dar o máximo do seu esforço e do seu coração, que nesta Colônia de Férias se consegue este ambiente de vida familiar e feliz que desde a primeira hora tanto me encantou e que me fez deixar a Granja com saudades, com pena de já me vir embora, e não ser eu a última a sair, no último dia...

Granja, 4 de Setembro.  
Maria Joana Mendes Leal



EM CIMA: — Uma lição de ginástica na praia.

AO MEIO: — Gradua-das em alegre camaradagem na mata da casa da Colônia.

EM BAIXO: — Fazendo horas para o banho em alegres brincadeiras.



EM CIMA: — A casa onde esteve instalada a Colônia na Granja.

EM BAIXO: — Grupo de Filiadas da Vila Real que fizeram parte do 2.º Turno da Colônia da Granja.





## ERA UMA VEZ...

Ana Maria  
A  
corcundinha

**T**ODOS se riam dela, na aldeia, por ser disforme, coitadinha! Era uma falta de caridade tão grande, que até o senhor prior, muitas vezes, ralhava a bom ralar durante a catequese. E que estupidez selvagem a dêse riso das outras crianças, não se lembrando que poderiam ter igual desgraça, mais dia, menos dia...

O que é certo é que a pobre Ana Maria vivia triste em casa da madrinha, pobre também, que a levava para casa por terem morrido os pais da corcundinha. Ana Maria era boa e inteligente; fazia recados a todos, ajudava a madrinha no arranjo da casa e, a-pesar-de ter só oito anos, lá ia também tirando alinhavos ou chuleando costuras. O seu corpiço era feio e torto, é certo; mas a sua alma linda e sã como poucas!

—E eu nunca poderei ter as costas direitas como as outras?— perguntou ela um dia à menina Francisquinha, que ensinava a catequese na igreja.

—Minha pobre Ana Maria, só um milagre te pode curar—respondeu Francisquinha acariciando-a—Nossa Senhora queira fazê-lo...

—Ainda há milagres?—tornou Ana Maria, esperançada.

—Há, sim, Ana Maria; mas o que tu deves é pensar só na tua alma: se a tiveres sempre boa e linda, ninguém se importa que o teu corpo seja aleijado.

Mas no meio da tropa turbulenta das crianças, ouvia-se sempre, em tom de troça:

—Lá vai a marreca! Larga o saco que levás às costas!—e outras maldades.

Uma tarde, saíam todos da igreja, acabada a doutrina, e viram um cãozinho pequeno, de rabo cortado e aspecto lazarento, a fugir, ganindo, perseguido pelas pedradas dum garoto.

Já uma grande pedra o apanhara numa das pernas e o pobre animal

deixou-se cair sem forças para correr mais.

—Agora é que é bater-lhe—gritava um rapaz; e vinham-se aproximando vários outros, rindo maldosamente.

Então Ana Maria, a-pesar-da sua fraqueza e da sua pequenês, chegou-se ao cão, pegou-lhe com carinho e sentou-se no chão abraçada ao animal.

—Se lhe quiserem bater não de bater-me a mim também—gritou indignada.

—Larga o cão, marreca!

—Tira-te daí, aleijada!

—O côxo e a corcunda agarrados um ao outro!

E eram gargalhadas medonhas.

Ao ouvir o borborinho que ia crescendo, algumas mulheres da aldeia assomaram às portas chamando a rapaziada, e, quando se viu o próprio senhor prior sair da igreja, debandou o rancho todo, ficando apenas Ana Maria, chorosa, a amear o rafeiro que lhe lambia as mãos.

Desde esse dia nunca mais o cão deixou a corcundinha.

Uma tarde de outono, teve Ana Maria de atravessar o pinhal para ir levar um trabalho à aldeia vizinha. O céu toldara-se, a escuridão ia aumentando, e Ana Maria assustou-se ao ouvir um forte trovão. Na sua pressa de chegar com o trabalho antes da noite, começou a correr, acompanhada pelo fiel Carochinho; mas tão desastrosamente correu que tropeçou na raiz dum pinheiro e caiu sem sentidos no chão pedregoso!

Pobre Ana Maria!

O Carochinho ladrava junto à dona, lambia-a, dava-lhe fofinhas ligeiras. De repente, o Carochinho desatou a correr vertiginosamente, como se alguém o perseguisse, deixando a corcundinha, sem sentidos, deitada no pinhal.

Correu, correu, sem saber para onde...

E chegou perto duma linda casa portuguesa na orla daquele grande pinhal. O cão parou na sua louca cor-

reria e poz-se a ladrar, a ganir e a uivar com tal força que um homem alto e forte apareceu à janela.

—Que esquisito ladrar o dêste bicho!—disse ele virando-se para dentro de casa.

—Oh Maria, ouves?—continuou.

—Parece aflito—comentou uma voz de mulher.

—E não se cala—continuou o homem—vou ver o que isto é.

Ao vê-lo chegar ao portão o Carochinho calou-se de repente; e ficando-lhe os dentes no casaco começou a puxá-lo com força para o pinhal...

E o doutor Oliveira, médico afamado que ali passava uma parte do ano, deixou-se levar pelo cão até junto da pobre Ana Maria, que trouxe nos seus braços para casa.

Passados anos, tratada com toda a ciência moderna, junta ao maior carinho, Ana Maria, completamente curada, era uma linda e alegre pequena, adoptada como filha pelo médico e sua mulher; e o Carochinho, a quem ela devia a vida, ali vivia com ela, felizes ambos o mais possível.

E Ana Maria repetia sempre, cheia de convicção:

—Há milagres, há. Bem dita seja Nossa Senhora!

## ABELHINHAS

—Estou desconsolada com a colmeia—declarou Maria Amélia.

—Porquê?—preguntou Mariasinha, uma abelha muito pequena, sim, mas trabalhadeira como poucas.

—Porquê? porque passei o mês de Setembro à espera de cartas e cartinhas a contar dos centros, dos trabalhos, dos projectos, das ideias...

—E então?

—Três vezes nada coisa nenhuma!

—gritou a Abelha Mestra muito zangada—Se assim continua—tornou—desisto desta associação. Vamos nós quatro (a Mariasinha, a Vera, a Eugénia e eu) trabalhando cá em casa como pudermos; e no Natal temos uma quantidade de coisas para dar às crianças pobres. Valeu?

—Valeu! Valeu!—esclamaram as três outras com entusiasmo.

## A LUSITA nunca deve:

Deixar de ter as unhas limplíssimas.

Deixar de cumprir o melhor possível TODAS as suas obrigações diárias.

Pôr os cotovêlos em cima da mesa durante as refeições.

Estar sem fazer nada.

## AS LUSITAS DE AZEVEDO

**V**Ê-SE ao longe a Casa Branca; do outro lado está um boi a lavrar, e tudo serve de entretenimento.

Ora, eu não detesto crianças, isso não; mas prefiro que não tomem demasiada confiança. E quando o Toneco (que está feiosinho, coitado, e mais magro que um palito) me puxa pelo rabo, rösno-lhe a minha opinião duma maneira bem clara — e ele foge logo a sete pés!

Desconfio que ele, no fundo, tem um certo medo que eu lhe morda.

De vez em quando resolvo-me a dar uma vista de olhos pela quinta, a ver se está tudo em ordem nas capoeiras, na arribana, na cocheira, na leitaria e no lagar. As capoeiras aborrecem-me um pouco, pela pouca vivacidade que têm as galinhas e a toleima incomensurável dos galos!

Sempre a erguerem a cabeça quanto podem, a darem uns passos cheios de solenidade, parecem-me uns toleiros, uns vaidosos, uns bichos que se julgam superiores aos próprios cães!

E olham-me como se eu pretendesse casar com alguma das frangas, umas patetinhas que só vivem para comer! Mas se os galos são assim emburrantes, que direi eu dos patos e dos gansos? O pavão é cheio de to-

## MEMÓRIAS dum LULÚ branco



leima; e os perús? Os patos, ainda assim, são modestos; afastam-se do meu caminho a bambolear-se para os lados, com os beijos largos a bater uns nos outros e limitam-se a dizer, para me indicar o caminho:

—Acolá! Acolá! Acolá!

Realmente, não chegam a incomodar-me.

Mas os gansos, esse enorme bando de idiotas impertinentes, andando sempre todos juntos, de cabeça para o ar e bico aberto, prontos a morder quando eu viro costas e dando gritos estridentes que se metem pelos ouvidos dentro: Fóra daqui! Fóra daqui! Fóra daqui! — como se a quinta fosse deles, tal qual! A verdade é que lhes não ligo a menor importância.

No meio das capoeiras há uma, maior do que as outras, onde estão umas dezenas de coelhos. Os brancos têm certas pretensões, acham-se parecidos comigo e olham para mim com simpatia com os seus olhos muito encarniçados.

Já tentei conversar com a mãe coelha, uma vez que a vi em pé, com as mãos penduradas, ao pé da grade. Mas apenas ouviu a minha voz forte sentiu-se intimidada, coitada; as orelhas, que estavam bem erguidas (e são, como as minhas, forradas de cor de rosa), caíram logo para baixo; e ela aninhou-se a um canto, sem poder encarar-me, por acanhamento. Por mais que eu batesse com a pata na grade, ela nem se mexia. Que tolá!

Um dia passou-se ao pé da cosinha dos animais um episódio engraçado que fez correr lágrimas de riso à pequenada e ainda hoje me dá vontade de rir a mim.

Deram de presente ao meu dono uma cabrita castanha muito engraçada. Como eu não sou grande (o que denota a pureza da minha raça de Lulú), a cabrinha, a-pesar-de muito nova, era maior do que eu.

Chamava-se ela *Princesa*; e, realmente, embora eu nunca visse uma

princesa verdadeira, pelas histórias que tenho ouvido ler alto nas revistas e ilustrações, julgo que o nome era bem posto, pois ela é encantadora. Quiz a Mimi apresentar-me à *Princesa* e disse-me:

—Lú, vamos lá acima à cabritinha.

Aqui vamos os dois, a dona e eu, depois de eu ter tido o cuidado de me lambem muito bem e alisar os meus bigodes.

Quando chegámos ao terreiro onde a cabrinha está presa, logo me pareceu linda! E avancei gentilmente para ela de boca aberta, com os meus branquíssimos dentes bem à mostra, e a língua deitada para fora num largo riso.

Mas a *Princesa*, que vinha a dar saltos engraçadíssimos, estacou de repente diante de mim; eu parei também diante dela (pareceu-me da maior delicadeza imitá-la). Porém, que cómico foi o que se seguiu! A *Princesa* poz-se em pé nas patas de traz e com as mãos muito juntas e a cabeça baixa, vira-se toda para o lado e atira-se ao chão! Julgando que ela me estava ensinando um movimento moderno, uma nova dança, puz-me também em pé nas patas de traz em frente dela, copiando aquele passo tão engraçado.

Mas olhando para a Mimi vi-a rir tanto e com tanto gosto que senti de repente o ridículo daquelas nossas atitudes! A cabrinha continuava os seus pinotes para o lado, eu os meus saltos em frente dela; a Mimi a chorar de riso, parecia uma cena do Coliseu; senti necessidade de desabafar e puz-me a ladrar alto e bom som no intervalo dos saltos. Então juntaram-se outras vozes da quinta à minha voz melodiosa: e o *Có-có-ró-có* dos galos, o *Fóra daqui* dos gansos, o *Acolá! Acolá!* dos patos, formava uma verdadeira sinfonia cheia de animação e alegria! Diverti-me de-veras!

(Continua)

## Charadas e Adivinhas

Nasço todas as manhãs  
E todas as tardes morro,  
Durante horas seguidas  
Até parece que corro!

Sem mim quem pode viver?  
Nem as plantas nem as gentes.  
Onde eu estou tudo cresce,  
Estão felizes, estão contentes.

Mas também sou mau às vezes.  
Ao meio dia, em pleno céu,  
Olham p'ra mim com respeito  
Mas não tiram o chapéu!

(A solução vem na página 16)

## Idéias duma Lusita sobre deveres das meninas da Mocidade

As meninas da Mocidade  
No inverno devem trabalhar  
Mas nas férias devem ser  
As belezas do campo e descansar.

Devem dar os seus brinquedos  
Aos pobres que os não têm  
Ser boas, amáveis e alegres.  
E tratar todos muito bem.

Graciela Alvares Pereira de Melo (Cadeval)  
"Lusita"—Ala 1—Centro n.º 6 (Bateria)



# C O M M A I R

## A HABITAÇÃO LIMPEZAS

(Continuação)

### LIMPEZA DE TAPETES

Os tapetes devem ser limpos ao ar livre. Batem-se pelo avesso e escovam-se pelo direito, pois batê-los do lado do pelo prejudicá-los-lhe muito.

Também se deve evitar sacudir os tapetes, principalmente se são pesados; não tardariam a estragar-se no sítio onde se lhes pegasse com as mãos.

Quando os tapetes estão muito sujos podem-se lavar com água fria em que se deitou um pouco de amoníaco (3 a 4 colheres de amoníaco para um balde de água).

Molha-se nessa água uma escova com sabão e esfrega-se o tapete. Passa-se em seguida com água limpa. Mas, antes de ser lavado, deve ser escovado para sair o pó.

### SOBRADOS EM MADEIRA AO NATURAL

Nem todos os sobrados são encerados e se a madeira se conserva ao natural não basta varrê-la; de vez em quando precisa de ser esfregada.

#### COMO SE ESFREGA

Antes de esfregar varre-se para tirar a terra.

Não se molha o sobrado todo ao mesmo tempo. Vai-se deitando a água aos poucos, à medida que se vai lavando.

Esfrega-se com a escova e sabão o bocadinho do sobrado que se molhou; depois apanha-se com cuidado a água suja para o sobrado não ficar manchado; passa-se com água limpa e enxuga-se bem, tendo cuidado em não deixar a água empoeirada nas gretas. E continua-se assim sucessivamente até estar o chão todo lavado.

Deve esfregar-se na direcção da madeira e ter cuidado em não salpicar os móveis e as paredes.

Para secar, deixam-se as janelas abertas. Estabelecendo-se uma corrente de ar seca mais rapidamente.



### LADRILHOS

Se o chão é de ladrilhos lava-se com água quente e sabão.

### LIMPEZA DE MÓVEIS ENVERNIZADOS

Se os móveis são envernizados, tira-se-lhe primeiro o pó com um pano húmido, enxuga-se, e depois aplica-se-lhe uma mistura de linhaça com álcool, em partes iguais. Deixa-se secar e esfrega-se com um pano macio para não riscar o verniz. Os ácidos (nódos de frutos, etc.) e os objectos quentes mancham o verniz e, estando o verniz muito estragado, só o marcenheiro o poderá arranjar bem.

### MÓVEIS ENCERADOS

Os móveis encerados não se estragam tanto e podem ser arranjados em casa.

Quando estão manchados põe-se-lhe uma nova camada de cera e puxa-se o lustro com um pano de lã ou com uma escova especial. Se a mancha tirou a cor, esfrega-se com lixa fina, dá-se-lhe novamente com *pleux-chêne* ou uma cera já misturada com cor (que se compra feita) e depois encera-se como é costume.

O estofado dos móveis escova-se com uma escova grossa ou fina, conforme a delicadeza do tecido.

O mármore dos móveis lava-se com água e sabão e depois passa-se o mármore com cera para ficar brilhante.

### MÓVEIS PINTADOS

Se os móveis são de madeira pintada lavam-se com água e amoníaco.

Sendo de madeira ao natural esfregam-se em água e sabão.

As cadeiras de palha lavam-se com água salgada para as impedir de amarelecer.

As teclas do piano limpam-se com álcool; se estiverem amareladas com água oxigenada.

O assento das cadeiras de couro passa-se com cera como os móveis.

## UM GRACIOSO EXEMPLO DO CULTO DA LIMPEZA NO LAR JAPONÊS

O azeite das casas japonesas é inextinguível. No Japão, o azeite é um rito cultural. Conta Wenceslau de Moraes, que no Japão, se é azeiteado mais por devoção do que por higiene.

No Japão os deuses estão em toda a parte e a todos os momentos; há os deuses do lar, há o deus da cozinha, há o deus da comida, há o deus do pó, há o deus do lume... a lista não tem fim.

Ora os deuses japoneses deliciam-se com a limpeza; sendo, pois, um acto piedoso satisfazer-lhes a vontade.

Um exemplo gracioso do culto da limpeza no lar japonês—que Wenceslau de Moraes cita como testemunha presencial—dá-se quando a criadinha varre a casa fora das horas do costume; porque o varrer, o espantear, o la-

var e todas as práticas do azeite têm horas próprias: em geral de manhã e pela tarde, mandando os deuses que à noite se descansem.

Mas imagine-se que se demorou mais o jantar, o que obriga a criadinha a vir após varrer a esteira, embora pela noite. Em semelhantes circunstâncias, não deixará ela de dizer em alta voz estas palavras rituais: "Yomê toru, muko toru; yare, isogashiya, isogashiya!..." "casou-se a noiva, casou-se o noivo, safa, que azáfama, que azáfama!..." Adorável ingenuidade, denunciando o malicioso propósito de mumumê em querer enganar os deuses, procurando convencê-los de que se deu casamento em casa, o que desculpa, naturalmente e excepcionalmente, todas as infracções da regra...



# TRABALHOS DE MÃOS

## CAPINHA COM CAPUZ

Damos a explicação desta capinha, por nos parecer um trabalho muito conveniente para a estação que começa.

**AVIAMENTOS:** 200 gr. de lã Bébé:—  
Lã Marlène ou qualquer outra que tenha 4 fios,  
5 agulhas compridas n.º 4 e sem bola na extremi-  
dade.

Começa-se por uma das bordas da frente trab.  
verticalmente. Deitam-se 100 m. na agulha (o que faz  
pouco mais ou menos 48 cm.). Trab. em p. de lig. 20 ma-  
lhas numa das extremidades, só se trabalham de 2 em 2  
carreiras, isto é, de 4 em 4 agulhas.

Assim se forma o encaixe.

Quando tivermos 440 carreiras para a capa, devemos ter 110  
carreiras para o encaixe. Arr. tôdas as malhas. Põe-se de parte. Co-  
meça-se o capuz: deitam-se 42 malhas na agulha, trab. verticalmente  
116 v. (58 carreiras).

Feita esta parte dobra-se ao meio e cose-se a costura para for-  
mar bico para a cabeça.

Faz-se na capa uma carreira de abertos para poder passar uma  
fita e, sobre estes, cose-se o capuz de maneira que fique perfeitinho.

Apanham-se tôdas as malhas começando numa ponta para fechar  
na outra, para se fazer a barra à roda de todo o trabalho, o que nos  
dá um bonito acabamento.

Para esta barra é que são precisas as 5 agulhas de que se fala  
no principio. Em cada uma das pontas da capa faz-se um aumento  
(isto é, 2 m. na mesma m.), uma volta sim uma não.

Enfia-se uma fita nos abertos e está pronta, a simples e confor-  
tável capinha que servirá de agasalho a Bébés de 3 meses como de  
12 a 18.

Maneira de fazer os abertos: Apanham-se as malhas do lado do  
encaixe e pelo lado do avêso, trab. uma agulha tôda a liso. Na se-  
gunda volta fazem-se 2 mates, uma laçada até ao fim. Na outra  
volta, sobre cada mate, trab. a malha 2 vezes apanhando a laçada.  
Isto até ao fim; e assim se conseguirá uns abertos maiorzinhos para  
enfiar a fita.

• • •

Damos a seguir a explicação de algumas abreviaturas empregadas  
para que se torne mais curta a descrição dos trabalhos: Ag. para agu-  
lha; m. para malha; l. para laçada; p. para ponto; p. lig. para ponto de  
liga; p. m. para ponto de meia; aum. para aumento; mat. para mate;  
v. para volta; r. para risca; rem. para qualquer forma de  
rematar; int. para intervalo; extr. para extremidade; rest.  
para restantes; dim. para diminuições; carr. para car-  
reira; trab. para qualquer  
forma de trabalhar.

Estas abreviaturas se-  
rão publicadas em todos  
os números em que tragam  
modelos em malhas, e outras  
que venham a ser necessárias.

PARA  
A PRÓXIMA  
VEZ DAMOS A  
EXPLICAÇÃO DOS SA-  
PATINHOS QUE VÊM  
FOTOGRAFADOS  
NESTA PÁ-  
GINA





# Filiadas!

Todo o Boletim é VOSSO, porque é escrito para vós. Mas esta «Página» pertence-vos dum modo especial porque sois vós-mesmas que a escreveis. — Dai-nos a vossa colaboração! — Os assuntos ficam à vossa escolha (embora passem pela «censura»...)

Como se aproxima o Natal, lembro-vos um assunto: Tradições populares, costumes familiares, versos e contos, etc., em relação com essa festa.

Mas apressai-vos! Que o original do número do Natal terá de ir para a tipografia no fim de Outubro. E como a «Página» é pequena, nenhum artigo deverá exceder 35 linhas.

## Impressões da Colónia de Férias da Granja

**Q**UERIDAS raparigas, vou dar-vos, muito resumidamente, um dos aspectos da nossa vida na Colónia da Granja. Escolherei para isso aquêle que mais faz vibrar de entusiasmo e alegria as nossas filiadas. Por acaso adivinhais qual é? Naturalmente não, e disso vos desculpo, porque com certeza não sabeis qual a nossa vida neste recinto onde só se encontra paz e conforto.

Recordarei aquelas que tiveram a felicidade de gozar esses saudosos e inesquecíveis dias, o momento em que, impacientes, se dirigiam para a praia. É este que eu vos focarei, porque é este também o mais apreciado por nós. A praia, deserta, com a sua areia batida pelas ondas que durante a noite o mar lhe lançava com toda a fúria, tinha um aspecto triste, que se transformava logo que os pés travessos começavam a revolter a areia, dando-lhe sinal de vida.

Tôdas, à porfia, entravam nas baracas preparando-se para a aula de ginástica.

Não é isto ainda o que elas mais desejam, mas sim a ocasião em que, dado o sinal de dispersar, cada uma procura o jogo que mais lhe interessa. Não pensais que as suas brincadeiras são diferentes daquelas a que estão habituadas a ver nas praias do nosso querido Portugal! Uma originalidade existe; é que os grupos formados com os matizes dos fatos de banho lembram canteiros perfumados com a alegria da mocidade.

És tu, mar ingrato, que dentro em pouco vais receber nas tuas ondas as flores desse lindo jardim que alguém um dia se dignou plantar para engrandecer a nossa linda Pátria.

Podes-te regosijar de contemplar um tal quadro!

Crianças de almas puras e simples brincam com as ondas que veem acarinhá-las.

Algumas parecem fugir do mar com

## Extracto duma carta escrita da Colónia de Férias do Estoril

Ajuizada Maninha:

Acabei agora o repouso, estando portanto no recreio. Do quintal oiço o barulho que vem daquelas que brincam. Eu roubei um bocadinho ao tempo de folgança para escrever à minha mana porque já tenho muitas saudades dela. A brincadeira pôde esperar, pois tenho ainda tantos dias...

Não juígues que isto é "fôgo de vista", mas sim porque sou muito tua amiguinha (apesar de às vezes ser mázinha), mas tu deves concordar que também não eras bôa de tôdas essas ocasiões, não é verdade?

Bem, vou-me sentar muito aconchegadinha nos teus joelhos e contar-te algumas coisas. Atenção! que vou começar e são muitas as novidades que quero dizer. Escuta! Primeiro que tudo o horário: é o seguinte: 7 h. — levantar, arejar camas, toilette; 8 h. — Fazer camas; 8,30 h. — Oração da manhã; 8,45 h. — Pequeno almoço; 9,20 h. — Partida para a praia; 12,30 h. — Regresso da praia; 12,45 h. — Almoço; 13,30 h. — Repouso... silêncio; 15 h. — levantar, compôr camas, toilette; 15,30 h. — Recreio; 16,15 h. — Lanche; 16,30 h. — Partida para o pinhal; 18,30 h. — Terço; 19 h. — Canto; 20 h. — Jantar; 21,45 — Oração da noite; 22 h. — Deitar... silêncio.

recoio, enquanto as suas companheiras o enfrentam com o sorriso nos lábios.

É este quadro, cheio de movimento e de surpresas, que atrai os espectadores que apreciam a juventude em toda a sua simplicidade e alegria.

Bem tristes ficamos quando há ordem de retirar. O mar vai ficando cada vez mais só, e, desamparado por completo, arremessando as ondas contra os rochedos, parece chamar cada uma daquelas que lhe leva um bocado da sua alegria.

Maria Arminda Grilo Aldos

Filiada N.º 3.397 - Centro N.º 1 - Ala 1

Parque do Douro Litoral

Achas bem? Eu acho.

Tôdas as manhãs tomamos duche. As mais crescidas (eu faço parte dessas) tomam conta das mais pequeninas, isto é, fazem-lhes as camas, arranjam-nas, etc.

Eu estou encarregada duma pequenina de Beja; tem 8 anos, mas parece ter menos, pois é muito franzina. Gosto já muito dela, basta ser do nosso querido Alentejo e sobretudo não ter cá a sua mázinha.

Eu, que já sou uma mulherzinha, como vocês dizem, tenho tantas saudades, que fará ela, tão pequena, coitadinha!

Estou muito contente com o quarto: é grande e tem 4 grandes janelas; tem 6 camas, por conseguinte somos 6 raparigas no mesmo quarto: eu fico no meio da Maria Antónia e da prima da Ivone. Como te deves lembrar era uma pequerrucha muito engraçada e muito minha amiga.

De manhã, como já sou crescadinha e me despacho depressa, ajudo-lhe a fazer a cama e faço-lhe as tranças.

As outras 3 colegas também são minhas conhecidas: 2 do nosso Liceu e a outra é a irmã da Mariana da minha turma.

Não sei se a conhecestes; é muito simpática.

Damo-nos tôdas muito bem; ajudamo-nos mutuamente em alegre camaradagem.

Temos muitos entretenimentos: baloiços e escorregadores como no parque infantil do jardim da Estréla, etc.

Tenho-me portado com muito juízo. Mesmo tu bem o sabes: sou muito brincalhona mas bôa rapariga. O paizinho que não esteja zangado comigo porque eu para o ano hei-de recuperar o que perdi neste.

Agora vais tu contar à tua Aninha o que tens feito, sim?

Vá, responde.

Tens brincado muito?

Adeus. Beijos à avózinha, pai-zinhos e Bia. Cumprimentos às vizinhas e a todas as pessoas conhecidas. Mil beijos da mana muito amigui-nha.

Anita

